



ESPACIALIDADE DAS FESTAS RELIGIOSAS EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DE PORTO VELHO, RONDÔNIA

■ ADRIANO LOPES SARAIVA • JOSUÉ DA COSTA SILVA

RESUMO

ESTE ARTIGO SE PROPÕE A ANALISAR O ESPAÇO DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO, ESTADO DE RONDÔNIA; A PARTIR DA REALIZAÇÃO DE FESTEJOS RELIGIOSOS, A RELIGIOSIDADE CONTIDA NESTE EVENTO E OS ACONTECIMENTOS INERENTES À FESTA E SUA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS COMUNIDADES. UTILIZANDO PARA TANTO, TEÓRICOS DA GEOGRAFIA CULTURAL E DA ÁREA DE ANTROPOLOGIA PARA DAR CONTA DA ANÁLISE AQUI PRETENDIDA.

PALAVRAS-CHAVES: ESPAÇO; FESTEJOS RELIGIOSOS; COMUNIDADES RIBEIRINHAS; GEOGRAFIA CULTURAL; AMAZÔNIA.

INTRODUÇÃO

● homem que vive na Amazônia tem dentro de suas práticas religiosas mais comuns o catolicismo. Neste universo amazônico é muito comum a crença em superstições e mitos que fazem parte do cotidiano das comunidades situadas à margem dos rios, como as lendas da cobra grande, da mãe da mata, do curupira, e nas crenças como o mau olhado e os encantamentos. Essa é uma religiosidade que tem como um dos pontos fortes a devoção aos santos católicos e a reunião da comunidade em momentos específicos para celebrarem seus padroeiros, transformando-se em eventos que se caracterizam pela realização de festas religiosas ou festejos, como são popularmente chamados na região ribeirinha. Dessa maneira, as comunidades ribeirinhas passam grande parte do ano ora envol-

vidas com a preparação, ora com a realização ou participação nesses acontecimentos religiosos.

Percebemos uma relação social e um modo de vida bem característicos daqueles que habitam em regiões ribeirinhas. Quando falamos em ribeirinhos, nos reportamos a Silva (2000), que nos fala que essas populações possuem um modo de vida peculiar, distinto do das demais populações do meio rural ou urbano, possuindo sua cosmovisão marcada pela presença das águas. Para estas populações, o rio, o igarapé e o lago não são apenas elementos do cenário ou da paisagem e sim algo construtivo do modo de ser e de viver do homem.

Nesse cenário despontam várias formas de se relacionar com o ambiente. Nesse trabalho vamos destacar os festejos religiosos e a religiosidade popular existentes nessas populações. No univer-

so da religiosidade popular do ribeirão podemos encontrar desde as crenças nos santos católicos, nos elementos das águas e das matas, às festas religiosas, bem como a presença de igrejas pentecostais com seus cultos e festividades próprias e outras formas de religiosidade como a crença em xamanismos e entidades sobrenaturais do universo sagrado e profano do imaginário popular.

As comunidades situadas às margens do rio Madeira apresentam a estrutura político-administrativa na forma de distritos. Na região ribeirinha temos quatro distritos: São Carlos, Nazaré, Calama e Demarcação. Esses distritos apresentam contingente populacional variado, formas de organização político-administrativas como Associações de Moradores e Administradores Locais, possuem escolas públicas que em sua maioria oferecem apenas o ensino fundamental (1ª a 5ª ano), atendimento médico em Postos de Saúde, pequenos comércios, igrejas católicas e de outras denominações religiosas. Essas comunidades possuem suas festividades e momentos voltados para os eventos religiosos. A base de sua economia está centrada na produção de farinha, agricultura de subsistência e na pesca para consumo e venda. As casas são construídas em madeira e cobertas de palha, outras são construídas em alvenaria, sendo que algumas possuem cobertura de telha. O ordenamento das casas segue a linha do rio, dessa forma, não há ruas como na cidade, como no modo urbano; e sim caminhos que são definidos pelo movimento do ir e vir do rio. As "ruas" são as somas dos quintais (da frente das casas) e têm sua modificação marcada pelo avanço do rio, que quebra constantemente, fazendo com que os moradores recuem suas casas, levando consigo a nova extensão da rua.

As festas religiosas merecem destaque por representarem mudança, por modificarem o espaço, por mudarem o tempo das comunidades. Em algumas festas temos essas características mais visíveis, com a construção de novas igrejas e a criação de espaço próprio para o santo padroeiro. Assim, são as festas: acontecimentos, frutos do sincretismo religioso, que trazem consigo características próprias que moldam o espaço, transformando-o num lugar único. O que nos lembra os escritos de Luis Boada (1991, p. 88), onde podemos observar que o espaço pode ser humanizado, ou seja, transformado num lugar diferenciado do restante, basta que para tanto ali sejam realizados ritos que dêem conta de tal tarefa, o que aliás pode muito bem ser realizado através das festas religiosas.

Este artigo busca dar subsídios para o entendimento desse grupo social, que mantém sua estrutura social com ligações com sua origem étnica. Ao falarmos do espaço de comunidades ribeirinhas, estamos a todo momento buscando elementos ligados ao universo mental do grupo, da cultura e da religiosidade.

CONCEITUANDO AS FESTAS RELIGIOSAS _____

Historicamente, as festas são de grande destaque na cultura brasileira, pois desde o período colonial elas foram importante elemento na construção da sociabilidade entre os povos, facilitando a inserção de símbolos que foram incorporados a partir dos processos históricos de ocupação da nova terra (Del Priore, 1994). As procissões e as festas religiosas são consideradas as atividades urbanas mais antigas do Brasil, já que os relatos dos viajantes dão conta que já na época do descobrimento as comemorações de ordem religiosas e

festivas estavam presentes nas atividades dos portugueses e dos indígenas (Tinhorão, 2000). A missa rezada em terra brasileira pelo Padre Frei Henrique foi a primeira atividade religiosa organizada pelos portugueses, demonstrando, dessa forma, a força do catolicismo e a presença da Igreja nessas expedições, além do mais é importante ressaltar que as religiões realizam festas que buscam reproduzir a história da manifestação do Espírito Divino na natureza e na história (Barros, 2002).

Dessa forma, a religiosidade e as festas religiosas são apontadas como um dos fortes elementos de mediação entre as diferentes culturas que povoaram o Brasil e que deram origem à cultura nacional, já que nelas todas se juntavam para desfrutar a alegria, a música, a distribuição gratuita de comida e, com destaque, um momento de abrandamento da ordem estabelecida. Para Rita Amaral (1998, p. 52) “[...] pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade [...]”. Para ela a festa brasileira se liga essencialmente à religião e desde o período colonial a sociabilidade brasileira encontra-se estreitamente relacionada à realização de festas.

Temos uma população profundamente religiosa que tem a sua disposição um grande universo de crenças e práticas religiosas e cuja religiosidade tem como principal característica ser festiva e carnal, vivida de forma pública e teatral, sendo expressa por meio de festas, procissões, pagamento de promessas, folguedos e demais outras manifestações da crença católica do grupo.

Manifestações da cultura popular como as festas religiosas são estudadas e definidas de diversas maneiras. Alguns autores como Amaral (1998), DaMatta (1997), Figueiredo (1999), Duvignaud (1983),

Durkheim (1989), Barros (2002), Perez (2002), Guarinello (2001), Rosendahl (1999a) e Maia (1999) levantam questões que se referem ao caráter ritual, religioso, político, formador de identidades, reflexo da vida social, organizativo, cultural e formador de grupos sociais desse acontecimento.

Na verdade o termo festa é estudado por várias áreas do conhecimento e cada uma delas busca conceituar esse evento. Temos dentro deste universo uma série de termos e definições, no entanto alguns demonstram mais segurança e condições de mostrar a riqueza da festa em toda a sua extensão.

O festejo surge como um evento ligado ao universo mental e religioso, fruto de uma promessa ou de uma graça alcançada. Para que ocorra uma festa é necessário um pretexto, é preciso algo para celebrar, algo motivado por uma graça alcançada, pela saúde recuperada, mostrando que toda festa é um tempo consagrado (Perez, 2002). Nos estudos de Durkheim (1989), as festas surgiram pela necessidade de separar no tempo os dias ou períodos que são determinados para as atividades do cotidiano de períodos voltados às atividades sagradas.

A realização desses eventos vem para mudar, modificar o cotidiano, o espaço e o tempo das comunidades; nesse sentido estudos apontam que as festas não devem ser vistas como opostas ao cotidiano, e sim integradas a ele. Indo ao encontro dessa concepção, Guarinello (2001, p.971) define as festas em cinco momentos:

1. implica uma determinada estrutura social de produção, no sentido de que as festas não são dádivas de Deus, nem caem dos céus segundo nossos desejos [...]
2. envolve a participação concreta de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, ou grupos dentro dela, com

maior ou menor expressão ou força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção e consumo da festa, na qual ocupam lugares distintos e específicos;

3. aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como da comemoração de eventos singulares [...]
4. articula-se em torno de um objeto focal, que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfação coletivos e que atua como motivação da festa [...]
5. por fim, uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos.

Percebemos, diante dos conceitos acima descritos, o caráter geral que o termo "festa" apresenta e, ao aprofundarmos nosso olhar, vamos ter este evento se apresentando como um aspecto da vida das populações, isso lhe confere um caráter paradoxal, uma vez que podemos dizer que a festa oscila em dois pólos, o cerimonial e o festivo; tendo momentos ligados a cada um deles.

Autores como Durkheim, Perez e Amaral mostram o caráter de efervescência coletiva da festa, uma vez que este momento está situado em dois aspectos principais:

- 1 Aspecto Ritual: representado pelas cerimônias religiosas e pelas solenidades dos rituais;
- 2 Aspecto do Divertimento: representado pelo fator recreativo das festas.

Durkheim (1989, p. 452), em sua obra clássica sobre a vida religiosa, discute a importância do ele-

mento recreativo e estético na religião, mostrando a inter-relação entre cerimônia religiosa e a idéia de festa, pela aproximação entre os indivíduos, pelo estado de "efervescência" coletiva que propicia e pela possibilidade de transgressão às normas.

A festa surge também como fator de mudança do cotidiano, sendo "[...] uma espécie de parada na vida cotidiana, como um momento contemplativo no meio da ação diária. [...]" (Barros, 2002, p. 67). Trazendo momentos de divertimento, de busca do sagrado, de pagamento de promessas e da realização de novos pedidos ao santo padroeiro, a festa, nas palavras de Lea Peres (2002, p.19) "[...] instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e emoções [...]" e, mesmo, em grande medida pelo não-social". Estas mudanças são sentidas a partir do momento em que a participação na vida da comunidade se torna mais constante. Assim pode-se perceber os tempos diferenciados que existem: o tempo do trabalho - o cotidiano -, e o tempo da festa – o divertimento e o sagrado.

Este conceito nos mostra uma das características fortes da festa, que é seu caráter socializador, já que com a realização destes eventos o grupo se encontra e realiza mais atividades em conjunto. Maffesoli (1994, p.112), destaca que é o "estar-junto à toa" que tem sua importância nas coletividades dos momentos específicos das festas, ações comuns através dos quais a comunidade vai fortalecer o "sentimento de si mesma". Esta sociabilidade está presente na realização dos festejos nas comunidades ribeirinhas já que o modo de organização traz para dentro do evento as pessoas, para que haja uma festa é necessária antes uma capacidade organiza-

tiva que vai desaguar na formação de grupos que vão trabalhar para que este evento aconteça, e este estar junto mostra a força de organização que as comunidades possuem.

O festejo possui sua riqueza de rituais, a cerimônia religiosa e a participação popular fazem parte do contexto deste evento. A festa de santo das comunidades ribeirinhas vista como ritual é, antes de tudo, o resultado do modo de vida ribeirinho, suas implicações podem revelar, mediar ou colocar no mesmo plano interesses opostos que durante a festa são esquecidos para logo ao término voltarem a fazer parte do cotidiano. Esse caráter revelador da festa é ressaltado por Figueiredo (1999, p.121), pois, segundo ele, "[...] a 'festa de santo' deve ser observada como fenômeno social que descortina o imaginário do morador da localidade, a partir das representações cotidianas transportadas para os momentos festivos como não-formais e não-cotidianos."

O local de realização da festa nos remete aos estudos de Moura (1983, p.22), onde ela nos fala que a festa é capaz de fazer com que as pessoas deixem seu trabalho, deixem sua rotina para se dedicar à festa. São dias que têm característica de feriado, pois fazem parte do calendário das comunidades; por isso são importantes; esses acontecimentos chegam a ter mais importância que os feriados oficiais para as populações rurais ribeirinhas.

O que explica tal fato é o caráter religioso que envolve o acontecimento, sempre ligado à fé e à devoção do grupo, caracterizando a festa como mediadora do encontro de Deus com o povo, ritualizando as atividades voltadas ao sagrado e ordenando a maneira pela qual a festa é conduzida pelos atores sociais que a compõem, pois todo fes-

tejo tem um rito e este rito tem sua ordenação que não muda (Barros, 2002).

AS FESTAS RELIGIOSAS E O ESPAÇO DAS COMUNIDADES

RIBEIRINHAS _____

As festas religiosas configuram-se como eventos ligados ao sacramentalismo cristão e ao universo mental do grupo. O ribeirinho cumpre suas promessas e graças recebidas por meio de rituais, traduzidos na forma de festas religiosas, almoços comunitários, missas, procissões, novenas, bailes, etc. Cada festejo possui sua própria história e razão de existência. Representa agradecimento, devoção e também saúda um novo período produtivo que se inicia nessas comunidades, o início do período de plantio pode representar também a solução de um grave problema, a saúde recuperada e tudo isso é traduzido em agradecimentos. Portanto, a organização espacial estará ligada ao universo das crenças, o que refletirá de forma concreta na maneira pela qual o homem irá se estabelecer no espaço.

As atribuições dadas ao espaço e a forma de organizar-se nele estão ligadas à cultura e ao modo de vida das populações. Entre as populações ribeirinhas as crenças, os mitos e a religiosidade destacam-se dentro da cultura do grupo, tornando-se fatores responsáveis pela organização socioespacial das comunidades.

Nos baseamos em Silva (2000) no que se refere à definição de população tradicional ribeirinha, sendo uma população que apresenta um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio rural ou urbano, possuindo sua cosmovisão marcada pela presença das águas. Para estas populações o rio, o igarapé e o lago não são apenas ele-

mentos do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem.

As festas religiosas são fatores de destaque entre essas populações. O geógrafo Carlos Eduardo Maia (1999, p.204) as define como: “[...] manifestações culturais que se caracterizam, entre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando algumas horas, dias ou semanas [...]”. Estando ligadas à religiosidade e ao costume de ‘pagar’ e de ‘fazer’ promessas, esse ato é destacado por Rosendahl (1999b, p.61), pois “[...] a prática religiosa de ‘fazer’ e ‘pagar’ promessas constitui uma devoção tradicional e bastante comum no espaço sagrado dos santuários católicos”. Assim, cada festa é resultado de um acontecimento particular ligado a algum fato e referente a um sujeito de destaque no âmbito da comunidade

No estudo do antropólogo Charles Wagley *Uma Comunidade Amazônica* (1988), o papel das festas religiosas é por ele destacado, posto que são de fundamental importância para acentuar o cotidiano dos ribeirinhos amazônicos, com os quais realizou seu trabalho. Wagley (1988, p.194) destaca que “... todos os anos, em maio e junho, quando, no Vale Amazônico, os rios voltam aos seus leitos e as chuvas diminuem, começa a estação seca, realizam-se então inúmeras festas ...” . Nesse sentido, estudos de Saraiva & Silva (2002, p.204) nos dizem que “as atividades realizadas durante as festas constituem momentos onde o espaço ganha contornos diferentes do que possui durante o cotidiano (...), cada morador vive o espaço de uma maneira particular”, o que nos faz perceber que o espaço das comunidades ribeirinhas recebe designações ligadas às crenças criadas pelo grupo, ligadas a elementos constituintes da realidade do homem ribeirinho, como os rios, os igarapés, os lagos, a mata, as lendas, os mitos, etc. Nascimento Silva (2000, p.94-95) exemplifica a organização espacial de comunidades ribeirinhas:

o espaço, nas comunidades ribeirinhas, ainda está muito próximo, ou melhor, está intimamente ligado às pessoas, e elas mesmas ainda não perderam completamente o controle desse espaço, onde reconhecem os signos e significados que estão presentes em seu ambiente sem se separem deles inteiramente, sem transformá-lo essencialmente em mercadorias.

O que é atestado por Rivière (1999, p. 59), quando nos fala :

[...] o espaço, não se trata somente de uma relação concreta, física, com ele, feita de práticas e de descolamentos, ou de uma fenomenologia do espaço vivido, mas de uma imaginário no qual entram os estereótipos da civilização e os valores ligados à identidade e à diferenciação social.

Outro aspecto a ser destacado é que a festa religiosa necessita de vários espaços para sua realização. Cada momento da festa é pensado e realizado em um determinado espaço, por exemplo: a procissão é realizada nas ruas da comunidade, o baile no centro comunitário ou outro lugar que comporte tal atividade. Assim:

A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. Então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e dos contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações, e efetua, repentinamente, uma abertura recíproca entre as consciências na medida que a festa não mais necessita de símbolos e inventa as suas figurações que desaparecem, muitas vezes, em seguida precível. (Duvignaud, 1983, p.68)

Esta organização social nos remete ao espaço utilizado para a realização da festa e suas funcionalidades, o que é destacado por Maia (1999, p. 204):

[...] grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõem para a sua realização (ponto central): ruas, praças, etc. Mas, tão logo cesse o período ou momento extraordinário, tais formas retomam a sua função habitual.

Com efeito, as festas religiosas constituem momentos onde a população ribeirinha modifica o espaço que habita, dando-lhe significados os mais diversos, transformando-o num lugar único, fruto das crenças dessas populações, diferenciando e qualificando locais com características que só existem durante o período da festa.

A realização de festas religiosas pode deixar marcas no espaço, funcionando como fator de organização e de mudanças na espacialidade das comunidades, além de trazerem à tona as relações que implicam a realização de um festejo como, as disputas e os conflitos existentes entre o grupo.

O ribeirinho vive o espaço de maneira peculiar, levando em consideração a maneira pela qual relaciona-se com o ambiente a sua volta. É uma relação de respeito pautado nas crenças e nos mitos, como destaca Silva (1994, p. 13): *"A natureza passa a ser humanizada, desmistificada, ou seja, desnudada de mistérios e incorporada de novos significados. Passa a ocorrer, em alguns momentos, a sacralização da paisagem. A "mata" e o "rio" passam a ter um significado especial para esse grupo..."*.

A religiosidade tem papel de destaque entre essas populações, tornando-se elemento capaz de promover mudanças na organização do espaço desses locais. Assim, temos dentro da realidade do

ribeirinho elementos constituintes da cultura que compõem o espaço, como as crenças, o sincretismo religioso e os mitos. Cada elemento torna a festa fator de destaque nas modificações espaciais presentes nas comunidades. No que se refere ao espaço recriado, o conceito que melhor o define está ligado ao ambiente construído como espaço natural modificado pela ação humana (Boada, 1991, p.88).

Na comunidade de Nazaré temos um exemplo do espaço modificado pela ação humana ligado à cultura do grupo social. Foi criado um novo bairro na comunidade chamado "Bairro de São Sebastião", fruto de uma promessa feita pelo líder religioso da comunidade, o que acarretou a construção da nova igreja católica, que fica mais distante do parte central da comunidade. O espaço de São Sebastião representa para o exercício da fé católica do grupo um aumento, pois a partir de então duas igrejas passaram a existir na comunidade. Cada igreja possui um grupo organizado de membros da comunidade que ficam responsáveis pelas tarefas de limpeza, manutenção e organização do lugar para as celebrações, sendo que o grupo da igreja de São Sebastião tem como coordenador o chefe religioso da vila de Nazaré. Sua autoridade é reiterada pelo viés educacional, além de conduzir e manter o grupo dentro da mesma religião e crença, contribuindo para o fortalecimento da doutrina cristã que faz frente ao vertiginoso crescimento das igrejas neo-pentecostais dentro das comunidades ribeirinhas.

A criação de um espaço como o Bairro de São Sebastião vem para enfatizar o papel do líder religioso entre o grupo. Sua função está ligada à organização do festejo de São Sebastião, sendo também responsável por manter o grupo congregan-

do os mesmos cultos e rituais católicos. As atividades desenvolvidas para a realização da festa são coordenadas por este líder, que funciona como o ordenador dos rituais dentro do espaço sagrado. Assim, a atuação do líder pode lhe dar legitimidade junto ao grupo e com os participantes do evento (Maia, 1999, p.209).

A RELIGIOSIDADE POPULAR NO CONTEXTO DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS _____

Para tecermos comentários sobre a religiosidade popular existente nas comunidades amazônicas é necessário, antes, buscarmos fundamentos para trazer à tona a grande diversidade das crenças e religiosidades existentes no Brasil.

Um aspecto importante está ligado à definição de "popular", visto que já é por demais polêmica ter tal definição; outro aspecto é definir religiosidade popular de uma forma tal que se obtenha unanimidade. Nesse sentido a própria noção de religião popular foi objeto de inúmeras tentativas de definição e de contestações freqüentemente renovadas, chegando até a dar a impressão de um recomeço indefinido dos mesmos equívocos. Porém, ao nos aprofundarmos, encontramos outras noções, designando os grandes componentes da noção-mãe: preces, devoções, peregrinações.

Neste caso, torna-se menos complexo um delineamento do termo religiosidade popular, não pelo que ele representa, mas, ao contrário, pelo que não representa, já que está ligado ao universo mental dos grupos humano. Ademais, a religiosidade popular não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica; incluindo nesse contexto toda a do-

cumentação oficial da Igreja e todos os teólogos elaboradores da doutrina. Independência essa ao caráter sistemático do catolicismo oficial, materializada em uma explosão quase íntima ao "sagrado", humanizando-o, sentindo-o próximo, testando-o e sentindo sua força por métodos criados, não pelo clero, mas pelos próprios devotos, métodos esses que são transmitidos, em sua grande totalidade, oralmente. Em suma, o vivido em oposição ao doutrinário.

No ambiente amazônico esta relação se deu seguindo os seguintes aspectos e características:

[...] A interação dos elementos religiosos processou-se de modo desigual e por etapas que dependeram de fatores diversos, porém específicos ao ambiente amazônico, ou sejam – os recursos econômicos da floresta tropical, a organização das sociedades tribais, as técnicas primitivas de exploração do meio, a influência dos missionários, o caráter do catolicismo ibérico em confronto com a ideologia do aborígine e, finalmente, as características da sociedade mestiça de índios e brancos que emergiu e se desenvolveu na atual sociedade rural contemporânea. (Galvão, 1976, p. 07)

As manifestações de religiosidade popular vão permear o imaginário do povo brasileiro em suas relações com o sobrenatural, formando-se em nosso país um catolicismo extra-oficial, de caráter pragmático, popular e tributário de superstições tomadas a outras religiões. A este irá se opor o catolicismo romano, baseado nos preceitos do Clero, na figura da Santíssima Trindade, na figura do indivíduo e nos sacramentos.

Em outras palavras, o catolicismo oficial, voltado para a salvação da alma, fará frente a um "catolicismo

de santos" em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá passagem às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos suplanta a salvação da alma. Os santos, cada um com sua "especialidade", serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por consequência "recompensados" pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, ou então "punidos", seja com blasfêmias, seja com o não atendimento dos pedidos, seja com "castigos" advindos no não cumprimento das promessas.

Dentro da realidade amazônica vamos ter uma religiosidade permeada por vários aspectos. Somados aos que já foram comentados temos o fator indígena e as crenças do caboclo. Estes aspectos, por si só, já são capazes de dar novas características às crenças e ao modo como o homem se relaciona como sagrado. Nas comunidades amazônicas temos desde os mistérios das encantarias, da pajelança, dos rituais até os momentos efervescentes das festas religiosas e o imaginário das entidades míticas do mundo da natureza. Essa maneira de se relacionar com o sagrado e com o universo das crenças não representa apenas o produto da amalgamação de duas tradições, a ibérica e a indígena, estas duas fontes são formadoras da religião do ribeirão da Amazônia, ressaltando que o componente ambiente físico é grande responsável por este fenômeno. (Galvão, 1976)

Estamos nos referindo às sociedades tradicionais, que tem uma relação com o sagrado e o mundo das crenças caracteristicamente diferente das sociedades modernas. O que nas palavras de Giddens (1991, p. 44) quer dizer que "*nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações.*".

Ainda neste sentido podemos fundamentar nossos argumentos no tocante às populações tradicionais levando em conta que o mundo do ribeirão amazônico é orientado pela construção de uma rede de significados manifestos nos símbolos e mitos da paisagem habitada. Nesse momento cabe uma discussão sobre este modo de vida, visto que Antônio Carlos Diegues (1996) com o seu livro *O Mito Moderno da Natureza Intocada* nos apresenta conceitos que podem ilustrar a realidade descrita neste trabalho. Analisar populações ribeirinhas implica deparar-se com um modo de vida tradicional, que possui características próprias como: *modo de vida*, dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis; *conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos*, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais, *noção de território ou espaço* onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; *importância das atividades de subsistência*, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado; *reduzida acumulação de capital*; *importância dada à unidade familiar*, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; *importância das simbologias*, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; *a tecnologia utilizada*, relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente (Diegues, 1996, p. 87-88).

No contexto das populações tradicionais ribeirinhas a religiosidade é latente. As crenças e os valores religiosos perpassam as instituições oficiais, uma vez que a Igreja não se faz presente na grande maioria das comunidades. Fato muito bem ilustrado por Galvão (1976, p. 03):

As instituições religiosas [...] traduzem os padrões sócio-culturais característicos do ambiente regional. Organizado na base do pequeno grupo local, o povoado, o sítio [...], o catolicismo do caboclo é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de "santos de devoção" identificados à comunidade. (Grifo nosso)

Esta devoção é marcada por rituais que são conduzidos por membros da própria comunidade os quais possuem características que os distinguem dos demais; normalmente são os líderes, as pessoas mais antigas do local ou mesmo aquele que detêm mais "posses" (recursos econômicos). Assim, percebemos uma estreita relação entre o universo das crenças e das devoções com o modo de vida das populações ribeirinhas e, diante do contexto da modernidade, elas enquanto populações tradicionais ainda sustentam este modo de se relacionar como sagrado levando em conta que estes aspectos derivam de uma herança indígena e ibérica; resultando daí uma colcha de retalhos extremamente rica e que caracteriza as populações residentes nas áreas ribeirinhas da Amazônia.

ANOTAÇÕES CONCLUSIVAS _____

As mudanças espaciais ocorridas nas comunidades ribeirinhas são resultados de diversos elementos. A cultura do homem ribeirinho é o fator de destaque; o espaço é reflexo desta cultura. Temos na fé do ribeirinho elementos norteadores da construção de seu espaço e as festas funcionam como fator de mudança dentro do tempo e do espaço. São momentos de grande vivência para os moradores das comunidades ribeirinhas e repre-

sentam a manifestação de uma das facetas que o grupo possui, sua forte religiosidade.

As atividades realizadas durante a festa constituem momentos em que o espaço ganha contornos diferentes do que possui durante o cotidiano das comunidades onde cada morador vive o espaço de uma maneira particular. Esse momento está ligado à fé e à devoção que estão presentes no festejo, sendo resultado da cultura e do modo de vida dessas populações.

É nesse sentido que o espaço representa estas relações. A organização para a festa reflete o trabalho e suas relações, sejam elas conflitantes ou não, de acordo com o que já foi previamente definido. Deste modo, cada atividade será desenvolvida em dado local que já foi pensado para aquele momento. A dinâmica espacial passa necessariamente pela funcionalidade, tanto para um Festejo como para outro, todavia, esta mudança ou movimento no espaço da comunidade só pode ser observado no período da festa, pois, passado este período, os locais que serviram para alojar algum momento do Festejo voltam a fazer parte do universo cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____

BOADA, Luis. *O espaço recriado*. São Paulo: Nobel, 1991.

CLAVAL, Paul. O Tema da Religião nos Estudos Geográficos. *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, N.7, p.37-58, JAN/JUN de 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. IN: CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C., e CORRÊA, R.L. (org.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.15-47.

CORRÊA, Roberto Lobato, e ROSENDAHL, Zeny. (org.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. IN: ROSENDAHL, Zeny, e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.92-123.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Tratado de História das Religiões*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima. *Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia*. Belém: NAEA/UIFPA, 1999.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares: proposições sobre festas brasileiras. IN: ROSENDAHL, Zeny, e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.191-218.
- NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- RIVIÈRE, Claude. Representação do espaço na peregrinação africana tradicional. *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, N.07, p.59-67, JAN/JUN de 1999.
- ROSENDAHL, Zeny. O Espaço, O Sagrado e o Profano. IN: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) *Manifestação da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a, p.231-247.
- _____. *Hierópolis: O Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b.
- _____. O Sagrado e o Espaço. IN: CASTRO, Iná Elias de Castro, GOMES, Paulo da Costa Gomes e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) *Explorações Geográficas: percursos no fim de Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.119-153.
- _____. Diversidade, Religião e Política. *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, N.11/12, p.27-32, JAN/DEZ de 2001.
- SARAIVA, Adriano Lopes. O olhar, o ouvir e o escrever como etapas da pesquisa com populações tradicionais ribeirinhas. IN: SILVA, J. C. et. al. *Nos Banzeiros do Rio - Ação Interdisciplinar em Busca da Sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia*. Porto Velho: EDUFRO, 2002, p.41-52.
- SARAIVA, Adriano Lopes, e SILVA, Josué da Costa. "Estudo do Processo de Recriação do Espaço através das Festas Religiosas". IN: Pesquisa & Criação nº 1, 2002 - IX Seminário de Iniciação Científica, 08 a 11 de Julho de 2002, *Resumos*. Porto Velho: PROPEX/EDUFRO, 2002, p. 197-205.
- SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. IN: ROSENDAHL, Zeny, e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.12-74.
- SILVA, Josué da Costa. *Mito e Lugar*. Dissertação de Mestrado. Dep. de Geografia - Universidade de São Paulo: USP, 1994.
- _____. *O Rio, A Comunidade e o Viver*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.
- SILVA, Josué da Costa et. al. *Nos Banzeiros do Rio - Ação Interdisciplinar em Busca da Sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia*. Porto Velho: EDUFRO, 2002.
- WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3.ed. São Paulo: EDUSP/ITATIAIA, 1988.

ABSTRACT:

THIS ARTICLE IS PROPOSE TO ANALYZE THE SPACE OF THE COMMUNITY THAT LIVE NEXT TO RIVE, MUNICIPALITY OF PORTO VELHO, THE STATE OF RONDÔNIA; FROM REALIZATION PARTIES RELIGIOUS, THE RELIGIOSITY INCLUDED IN THIS PARTY AND EVENT THAT DO PART OF PARTY AND ITS INFLUENCE IN THE SPACE ORGANIZATION OF THE COMMUNITY. USING THEORETICAL OF CULTURAL GEOGRAPHY AND AREA ANTHROPOLOGY LIKE BASE TO ANALYSIS WHICH INTEND.

KEYWORDS: SPACE; PARTIES RELIGIOUS; COMMUNITY THAT LIVE NEXT TO RIVE; CULTURAL GEOGRAPHY; AMAZONIA.

